



Fotos Antônio Vargas - Telefotos "Estado"

Amaral de Souza se empenhou na campanha dos três candidatos da Arena gaúcha, enquanto Simon, do MDB, atuou praticamente sozinho. Mas todos criticaram a Lei Falcão

No fim, o cansaço e a incerteza: valeu a pena?

Um total de 250 mil cartas remetidas, 10 mil telefonemas, 100 mil quilômetros rodados, 10 horas de vôo, um pé quebrado e nove quilos a menos. Este é o saído final da maratona empreendida por um dos candidatos ao Senado pela Arena de Santa Catarina, Aroldo Carvalho, que conseguiu capitalizar votos até com um acidente, no qual quebrou a perna. Depois de 25 dias hospitalizados, Carvalho continuou a campanha com gesso ainda e uma bengala providencial, quando não cadeira de rodas, tentando cativar os eleitores pela sua aparência física. Nos discursos, mostrava a perna e dizia que Deus o estava testando, mas sabia que os catarinenses iriam beneficiá-lo, votando na Arena e no seu nome.

O outro candidato da Arena, Vilmar Dalanhof, já tem um acentuado defeito físico na perna e, nos últimos dias da campanha, resolveu explorá-lo na propaganda pela TV: sua bengala foi usada para apontar na cédula o lugar onde os eleitores devem marcar o X.

Do lado do MDB, a estafa é enorme. Jaison Barreto perdeu nove quilos, rodou cerca de 200 mil quilômetros em seu automóvel, aproveitando as noites para viajar, dormindo recostado no banco. Às vezes, seu sono foi interrompido por freadas bruscas do carro, como ocorreu na última semana, em Chapecó, quando sofreu um acidente sem maiores consequências.

Dejandir Dalpasquale, também da oposição, até o final da campanha terá rodado cerca de 110 mil quilômetros pelas estradas de Santa Catarina e também emagrececeu — três quilos.

Pedro Simon (MDB), visitou pela quarta vez os maiores colégios eleitorais do interior; Gay da Fonseca (Arena) também se dedicou ao interior, mas deixou em Porto Alegre equipes encarregadas de expedir 150 mil cartas e dar no mínimo 80 mil telefonemas; Mariano da Rocha (Arena) trabalhou nos bairros da Capital, visitando fábricas, sindicatos e o mercado público; e Mário Ramos (Arena) lançou-se num roteiro tão complicado, alternando concentrações em Porto Alegre e municípios distantes, que na sexta-feira pela manhã já não conseguia recordar o que fizera na quarta

à noite. Cada candidato gaúcho ao Senado viajou pelo menos 300 mil quilômetros, fazendo cerca de 600 discursos, mas atingindo no total dos quatro candidatos — e nos cálculos mais otimistas — um público de um milhão de pessoas, menos de um terço do eleitorado.

Como candidato mais experiente (concorreu a primeira vez a deputado estadual de 1962), Pedro Simon garante que esta foi a pior de todas as campanhas de que participou, tanto no nível dos debates, como na mobilização do eleitorado. "Num único programa de TV, atingiríamos mais gente do que Arena e MDB juntos em toda a campanha", repetiu em dezenas de comícios.

A NAVE ESPECIAL DO PR

O candidato da Arena ao Senado no Paraná, Túlio Vargas, conseguiu um recorde nos últimos 11 dias de campanha: visitou 78 municípios e 15 distritos. Isso só foi possível graças à utilização de um helicóptero alugado pela Companhia Paranaense de Energia Elétrica a 15 mil cruzeiros por hora, e que tem sido gentilmente colocado à disposição do governador Jaime Canet para inauguração de obras no interior, sempre acompanhado por Vargas.

A intensa utilização do helicóptero tem impressionado muitos eleitores — no Norte do Estado, em Ivaí, o prefeito anunciou no palanque a presença "deste formidável governador que vem a nosso município dentro de uma nave espacial" —, mas não intimida os dois candidatos do MDB, Enéas Faria (o deputado estadual mais votado do Estado) e José Rieha (ex-prefeito de Londrina). Estes vêm recorrendo a personalidades de fora, como o senador Paulo Brossard e Márcia Kubitschek, para atrair gente para seus comícios.

Uma exceção entre a correria dos candidatos ao Senado é Sandra Cavalcanti, do Rio, que se diz orgulhosa de não ter precisado, durante a campanha, mudar o seu ritmo de vida: acorda na hora de costume, janta e almoça normalmente e tem certeza de estar fazendo uma campanha bem mais barata do que a de muitos candidatos a deputado, gastando menos de 400 mil cruzeiros. "Não sou uma aluna que só estuda às vésperas

das provas. Estou sempre com a matéria em dia" — explica.

O outro candidato da Arena, Vasconcelos Torres, desenvolveu no antigo Estado do Rio o que ele mesmo chama de "operação cara-de-pau", desenvolvida a partir do princípio de que é preciso ir de casa em casa, de clube em clube, de igreja em igreja, de mão em mão, no trabalho de contatar o eleitor um a um. Torres é conhecido como o candidato das feiras-livres: não perde uma. Sacola numa das mãos, a outra sempre livre para os indefectíveis cumprimentos, o senador faz as compras ao mesmo tempo em que conquista seus votos.

Aos 68 anos, 27 como parlamentar, o único candidato da oposição no Rio, Néilson Carneiro, deu uma virada nos últimos 20 dias de campanha, em razão do apoio ostensivo que o futuro governador Chagas Freitas passou a dar a Sandra Cavalcanti. Sentindo-se ameaçado, Carneiro passou a sair sozinho, a pé, por diversas ruas do Rio e pelas principais avenidas de alguns municípios.

A campanha é particularmente cara e cansativa na Amazônia, onde os candidatos têm a enfrentar as longas distâncias e as dificuldades de transportes. No Amazonas, maior Estado do País, essas dificuldades foram facilmente superadas pelos arenistas, que contaram com aviões e lanchas velozes do governo, enquanto os do MDB foram obrigados a viajar longas horas de barco, desconfortavelmente, para chegar às localidades do interior.

Fábio Lucena, candidato do MDB, foi obrigado a dormir no chão, ao ar livre, fazer apenas uma refeição por dia, na maioria das vezes o café da manhã, durante as viagens que fez a 38 dos 43 municípios.

No Pará, que tem uma área de 1.200 quilômetros quadrados, o candidato oposicionista Júlio Viveiros teve que percorrer 12 quilômetros a pé, numa noite, em Vila dos Colares, numa "picada" aberta pelos caboclos, com uma lanterna na mão, para visitar 200 eleitores. Ele diz que não teve o cuidado de anotar os gastos com gasolina e o aluguel de vários tipos de transporte, como o teco-teco, a lancha e até a canoa a remo, "inclusive porque, se eu fizesse isso,

ficaria doido na hora e largaria tudo". O outro candidato do MDB, Moura Palha, também não diz quanto gastou; enquanto se comenta que o arenista Aloysio Chaves, ex-governador, utilizou mais de oito milhões de cruzeiros, financiados em parte por comerciantes e industriais.

No Acre, o general Oscar Passos — primeiro presidente nacional do MDB — volta à vida política depois e um afastamento de oito anos para disputar o Senado, com 76 anos de idade. Ele não contratou nenhum cabo eleitoral — apesar das várias ofertas —, visitou apenas uma vez cada cidade do Estado e garante ter gasto menos de 150 mil cruzeiros na campanha. O prestígio do velho general, contudo, está crescendo, e ele desponta como o mais provável eleito.

Outro candidato oposicionista, Alberto Zaire, contudo, tem percorrido o interior, tarefa para a qual os arenistas Jorge Kalume, Francisco Wanderley Dantas e Iris Célia Cabanellas contam com o apoio do governo: eles viajam acompanhando a comitiva do governador Geraldo Mesquita para a inauguração de obras. Os maiores gastos, até agora, foram feitos por Wanderley Dantas, que diz já ter empregado perto de cinco milhões de cruzeiros. Nos meios políticos, comenta-se que parte desse dinheiro foi-lhe dado por Paulo Maluf, em agradecimento ao que fez pelos empresários paulistas, favorecendo a venda de terras no Acre.

GARGANTA, A PREJUDICADA

Depois de quase três meses de campanha, 50 horas de vôo de teco-teco, 7.200 quilômetros rodados somente no seu próprio carro — além das muitas outras horas de viagem em caminhões, lanchas e até tratores agrícolas — o senador José Sarney, candidato à reeleição pela Arena maranhense, tem esse comentário: "A consequência mais imediata da Lei Falcão foi o aumento das consultas aos clínicos de garganta."

Seu adversário, José Maria Ribeiro da Costa, do MDB, diz que fez a campanha "do tostão contra o milhão", "tanto assim que viajamos 30 mil quilômetros por estradas e fizemos apenas 20 horas de avião, metade em vôos comerciais". E teve que enfrentar outras dificuldades:

em Lago da Pedra, os arenistas soltaram um touro bravo para assustar a multidão que assistia a seu comício; em Presidente Dutra, tentaram afugentar o povo fazendo com que pesados caminhões de carga trafegassem pela praça em que se realizava a concentração emedebista; e em Balsas o comício foi feito no escuro, porque faltou energia elétrica.

OJERIZA A GALINHA

A fatura na mesa dos políticos parece ser característica do Nordeste: No Ceará, o futuro governador Virgílio Távora, um batalhador incansável da candidatura de José Lins Albuquerque, confessa que está "com ojeriza a galinha ao molho pardo". Os dois voaram quase 300 horas durante a campanha e participaram de mais de 400 comícios e um número não determinado de reuniões em Fortaleza. O comitê arenista comprou 15 automóveis Fiat e distribuiu cerca de 25 milhões de células-modelo. O coordenador do comitê, contudo, rebate enfaticamente a informação de que o partido teria gasto 30 milhões de cruzeiros na campanha.

Na Bahia, o ex-governador Lomanto Júnior, o único candidato da Arena, é quem mais gastou, não só por ter percorrido quase todos os 336 municípios do Estado, freqüentemente de avião, como também pela contratação de dois trios elétricos para toda a sua campanha. Só essa despesa ultrapassou a cota limite de Cr\$ 1,5 milhão estabelecida pelo TRE, pois cada trio elétrico cobra Cr\$ 35 mil por dia em Salvador e Cr\$ 50 mil no interior. Elquisson Soares, candidato a deputado federal pelo MDB, denunciou que Lomanto estaria sendo financiado por Paulo Maluf, que estaria interessado em dividir a liderança da Arena baiana e impedir a evolução do prestígio nacional de Antônio Carlos Magalhães, outro interessado em se tornar o primeiro civil a ocupar a Presidência da República depois de 64.

Pelo MDB, os gastos foram pequenos. Rômulo de Almeida concentrou sua campanha nos grandes centros urbanos, embora tenha visitado 230 municípios, usando avião em apenas quatro percursos. Macedo Campos classifica sua campanha de

"indigente", confessando não ter gasto nem Cr\$ 100 mil, e ainda teve que enfrentar vários problemas, como a prisão de sua mulher e de duas filhas menores quando colavam cartazes no centro de Salvador. O terceiro candidato da oposição, Hermógenes Príncipe, não fez campanha, alegando problemas familiares e falta de condições financeiras.

Jarbas Vasconcelos, candidato do MDB em Pernambuco, está convicto de que tem condições de vencer, depois de ter percorrido 30 mil quilômetros numa Varaneio, voo de 25 horas, realizado 432 comícios em 138 municípios do Estado, numa média de cinco pronunciamentos por dia, participando de passeatas no centro de Recife e até dançando no Bloco Misto Carnavalesco Batutas de São José, do qual é, há anos, sócio-honorário. Pela Arena, o ex-governador Nilo Coelho preferiu ocupar a maior parte do tempo com visitas a fábricas, sindicatos e associações. "Comício não dá voto" — argumenta. Em toda a campanha, distribuiu 20 mil camisetas, cem mil bonés e milhares de adesivos, além de ter mandado confeccionar 300 out-doors. O outro candidato da Arena, ex-governador Cid Sampaio, percorreu 50 mil quilômetros e também distribuiu brindes: mais de 20 mil camisetas e bonés, além de milhares de adesivos, em que se destaca a frase "o povo é quem diz Cid".

No Piauí, a campanha de Dirceu Arcoverde, da Arena, desenvolveu-se, segundo os observadores, ainda quando ele ocupava o governo, quando visitou todas as 114 cidades do Estado, oficialmente apenas inaugurando obras de sua administração. Embora seja um Estado pequeno, no Sergipe a campanha deixou extenuados os cinco candidatos, dois da Arena e três do MDB, que visitaram todos os 73 municípios do interior, inclusive povoados e fazendas.

Os comentários feitos em Natal assinalam que nunca houve uma campanha eleitoral tão inflacionada como a atual: Jessé Freire teria gasto 20 milhões de cruzeiros, muitos deles doados por empresários do Sul do País, enquanto Radir Pereira, do MDB, teria gasto 15 milhões, tendo viajado cerca de 13 mil quilômetros de automóveis.

Em Alagoas, a luta para o Senado é entre três da Arena (Luiz Cavalcanti, Rubens Vilar e José Moura Rocha. Mesmo assim Moura tem andado mais do que os três juntos, percorrendo em média 500 quilômetros por dia, que totalizam 60 mil quilômetros em 120 dias de campanha. Para superar a desvantagem numérica, ele tem colocado sua família na campanha: sua mulher, Ibelza Moura, fez comícios diários.

O ex-governador da Paraíba, Ivan Bichara, tem passado por verdadeira prova de resistência física: nos últimos 15 dias, visitou uma média de sete cidades por dia. Humberto Lucena, do MDB, se diz um candidato pobre; enquanto Bosco Braga Barreto, também da oposição, tem apenas um carro de propaganda.

Em Minas, Israel Dias Pinheiro, da Arena, foi quem mais se empenhou na maratona pelo interior, sempre pronto a distribuir um "santinho" e de pedir um voto. Todos os candidatos, contudo, não falam dos gastos de campanha, embora afirmem ter visitado mais de 200 municípios, utilizando aviões e carros.

A garganta dolorida é uma queixa não só no Maranhão: no Espírito Santo, Hélio Manhães, do MDB, prometeu tornar-se cantor de ópera caso perca a eleição, "porque cansa menos as cordas vocais". A campanha mais cara segundo os políticos, é a de Moacir Dalla, o único a ter 80 carros com alto-falantes percorrendo o Estado.

Mato Grosso vai ser o único Estado a eleger dois senadores pelo voto direto: um pelo Norte, outro pelo Sul. No Norte, cada candidato viajou pelo menos 20 mil quilômetros nos três meses de campanha; enquanto o ex-governador Pedro Pedrossian voou aproximadamente 40 horas no Sul, visitando todos os municípios do novo Estado.

Em Goiás, embora os candidatos arenistas ao Senado continuem reafirmando publicamente suas possibilidades, é indistigável sua previsão de derrota, principalmente depois que o favorito do MDB, Henrique Santillo, recebeu o apoio de Mauro Borges, ex-governador cassado.